

Špánková, Silvie; Cláudio, Mário

Cláudio, Mário (1941): Oríon (2003)

In: Špánková, Silvie. *(Des)colonização na literatura portuguesa contemporânea : breve antologia de textos literários e ensaísticos com atividades*. 1. vyd. Brno: Masarykova univerzita, 2014, pp. 43-45

ISBN 978-80-210-7053-0; ISBN 978-80-210-7056-1 (online : Mobipocket)

Stable URL (handle): <https://hdl.handle.net/11222.digilib/130536>

Access Date: 24. 03. 2025

Version: 20220831

Terms of use: Digital Library of the Faculty of Arts, Masaryk University provides access to digitized documents strictly for personal use, unless otherwise specified.

Cláudio, Mário (1941): *Oríon* (2003)

O romance aborda um assunto ligado ao processo histórico da colonização de África. Passa-se na floresta tropical de São Tomé e Príncipe para onde foram deportadas as crianças judias no século XV. Há, no romance, um rol de personagens invulgares que imediatamente chamam a atenção: para além do próprio narrador, Abel, há uma Raquel, a vidente e feiticeira, uma Débora, a mulher-serpente, uma Perpétua, a mulher-escrava, ou um Caim, o traidor. O romance é um jogo labiríntico de ficção, história e poesia, com uma forte carga do imaginário fantástico e do erotismo.

Oculto no interior do mais denso do obó, começou por levar Débora uma existência que ninguém conhecia. Com os animais, as plantas e as rochas ia estabelecendo ela uma relação misteriosa, parecendo que lhe acendera a tragédia a inteligência dos ritmos da Natureza. Atravessava a custo a luz a copa das grandes árvores, a configurar outras tantas lianas e outros tantos troncos, e deambulava a infeliz por tamanha espessura com a elegância da princesa que pisasse tapeçarias. Uma longínqua familiaridade impelia-a ao convívio com as cobras que por ali abundavam, firmando com elas uma aliança indestrutível. Desviava-lhes os obstáculos do caminho, apontava-lhes as presas, admirava-lhes a fascinante coloração. E deste trato advinha-lhe aos poucos o andar sinuoso, a voz que se reduzia à simplicidade do silvo, a textura da pele que se tornava escamosa e escorregadia.

Desembarcou na Ilha uma leva de degredados, gente que mirava as novidades da paisagem com uma brasa em cada olho, se deslocava numa lentidão de cautela e de pasmo, hesitante quanto ao solo que pisava, mas decidida a beber até ao seu termo a vida que lhe fora poupada. E constituíam este grupo homens e mulheres que tinham presenciado cousas extraordinárias, nascidas de dentro e de fora dos seus corações, e que se mostravam capazes de estripar um menino e de comer uma salamandra, de arrombar o sacrário de uma igreja e de dormir com o esqueleto de uma bruxa. Por morte do próximo por feitiçaria, por adultério e por traição, culpados quase todos de imaginar crimes mais terríveis ainda do que os que haviam cometido, apresentavam-se dispostos a cumprir a pena com a crueza que lhes sobrava, carregando a alma com quantos pecados coubessem na malícia da Terra. E eis que se encontrava entre eles um certo Gaspar Redondo, salteador das bandas do Sabugal, um gigante de cabeça chata, nariz esborrachado e mãos tão pequeninas que pareciam as patas de uma rã. Sangrara este sujeito um fidalgo que seguia a caminho de Salamanca, e mais quatro escudeiros que o guardavam, e desbaratara as moedas de ouro, roubadas aos viajantes, numa festarola

de estalo, para a qual mandara abater um boi, doze porcos e vinte carneiros encetar um tonel de carrascão de quinhentos litros.

Como foi, como não foi, a verdade é que se extraviou este Redondo da grinalda dos malandros a que fora acorrentado, e ninguém conseguiu dar com ele apesar das aturadas buscas, presumindo as autoridades finalmente, e para alívio da sua consciência de agentes de El-Rei, nosso Senhor, que terminara o filho da puta devorado por um dos lagartões que possuíam artes de engolir o mais encorpado dos lutadores. Mas andava a monte o ferrabrás, tão seguro dos percursos do matagal como se nele houvesse nascido, metendo à boca sem necessidade de proceder a qualquer escolha os frutos que as ramas das árvores e as bagas que as pernadas de arbustos lhe ofereciam. Chegando pois numa manhã às orelhas de uma clareira, todo roto das carnes por efeito da agrura dos espinhos, deparou-se-lhe uma branca muito hirta, e que se lhe afigurou coberta de farinha, de cabelos tão compridos como a Madalena, com uma cobra preta enrolada em cada braço, uma cobra bobó enrolada em cada perna, e a entoar como muda que era uma ladainha a que a passada respondia. Não exteriorizou Débora o menor dos sustos, agindo como se desde há muito aguardasse o valentão. E veio ele assentar-se à beira dela, e pôs-se a douda a examinar as pinturas que revestiam o corpo do desterrado, as quais representavam uma cegonha, um alcatruz e um sanselimão.

Persistiu Débora na estranha labuta com as cobrinhas da sua igualha, multiplicando-se em desvelos que não surpreendiam o facínora do Sabugal. Nalgumas ocasiões ajudava ela as criaturas reptilíneas a libertar-se do invólucro que envelhecera, noutras agasalhava ao peito os ovos das que, uma vez rompida a casca, se botavam a mamar-lhe gulosamente das tetas. E enquanto ia isto decorrendo afadigava-se Gaspar Redondo a afeiçoar a ponta de pedra duríssima das flechas com que caçava os macacos e as garças-rateiras que oferecia depois à comparsa dos seus dias. Abrigavam-se ambos numa caverna de limos esponjosos, rojavam-se pelo chão, a fim de se refrescar, e ali mesmo, e sem delongas, cobravam o seu prazer como se fosse o acontecimento mais perfeito e mais instantâneo do Mundo. Não fantasiara o bruto gozação maior do que a que lhe saíra em sorte, bendizendo a hora em que o tinham despachado para aquilo a que em Portugal chamavam «os horrores de São Tomé». E em morrendo uma dessas cobras a que se confere o nome de soá-soá, confeccionava-a Redondo com aprimoradas atenções, cuidando de que não cozesse em demasia, e de que não se contaminasse em excesso do paladar da malagueta, servindo-a bem regada com um molho de óleo dendê, realmente de apetite.

Um sono invencível acometia Débora porém em determinadas épocas do ano, obrigando-a a recostar-se num recesso da folhagem. Era assim na estação em que os

répteis desapareciam, acolhidos a suas luras onde o sol não penetrava, docemente dominados por uma modorra de imperceptível respiração. Partia Gaspar Redondo nessas fases para os litorais de Santa Catarina, tomava o bote de um negro solitário que deixava empalado na praia para exemplo dos restantes, dedicava-se a uma pesca afanosa de polvos que punha a salgar, transportando-os afinal aos ombros para a gruta onde Débora dormitava. E estremeceu ela ao de leve com a entrada do companheiro, distendia-se como que a ensaiar a elasticidade da espinha dorsal, projectava pelo meio dos lábios o terrível aguilhão da sua linguazinha bífida.

(CLÁUDIO, Mário. *Orion*. Lisboa: Dom Quixote, 2003, p. 63–66)

Atividades:

1. Descreva a metamorfose da personagem de Débora. Há alguma explicação possível deste acontecimento?
2. Comente o estilo, indicando os traços do barroquismo.
3. Tente interpretar o título.